

Resenha

Um museu para rever a obra de Antônio Parreiras: Museu Antônio Parreiras, Niterói

A museum to revisit the Antônio Parreiras's work: Antônio Parreiras
Museum, Niterói

DOI: 10.20396/rhac.v6i1.20470

MARIA TERESA DA SILVEIRA

Doutora em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do
Rio de Janeiro (EBA UFRJ)

 0000-0002-6985-0797

Resumo

Reaberto após um hiato de mais de dez anos, a exposição no Museu Antônio Parreiras, se coloca como um momento de afirmação da figura do artista que fez da pintura de paisagem um lugar destacado de pesquisa artística para a arte brasileira. *Antônio Parreiras: memórias e histórias* propõe uma leitura autobiográfica com obras que pontuam a trajetória do artista na casa onde viveu.

Palavras-chave: Antônio Parreiras. Exposição. Museu Antônio Parreiras. História da Arte.

Abstract

Reopened after a hiatus of more than ten years, the exhibition at the Antônio Parreiras Museum is a moment of affirmation of the figure of the artist who made landscape painting a prominent place of artistic research for Brazilian art. *Antônio Parreiras: memories and stories* proposes an autobiographical reading with works that punctuate the artist's trajectory in the house where he lived.

Keywords: Antônio Parreiras. Exhibition. Antônio Parreiras Museum. Art History.

Ainda em tempo. Depois de permanecer mais de dez anos fechado, frustrando as expectativas de visitantes que em vão tentaram conhecer a antiga casa e ateliê do artista, o Museu Antônio Parreiras¹ reabriu suas portas em 17 de janeiro deste ano, exibindo uma mostra que ocupa suas dependências recém-restauradas. A antiga residência de Antônio Parreiras foi construída em estilo eclético de acordo com projeto do arquiteto Ramos de Azevedo em 1894. A fachada exibe ornatos em estilo *Art Nouveau*, entre os quais uma paleta com pincéis que figura no portão de entrada, sendo que o mesmo motivo reaparece em um nicho ao lado da sala principal: a figura de um pintor com sua paleta e pincéis [Figura 1]. Sabemos que estamos na casa de um artista. Também fazem parte do museu um jardim e outras duas edificações que foram construídas numa elevação do terreno: o ateliê onde trabalhava Antônio Parreiras e morava seu filho, Dakir; e a Vila Olga, casa destinada à filha, Olga, que foi transformada em reserva técnica em 1994. As obras de restauro contemplaram a recuperação da casa principal, incluindo as esquadrias, o piso de madeira e os elementos artísticos da fachada, preservando a arquitetura original do edifício. Além disso, foram implementadas soluções de acessibilidade no jardim, garantindo um espaço mais inclusivo para os visitantes [Figura 2]. A restauração do ateliê do pintor está prevista para ser realizada em uma segunda etapa das obras, ainda sem data definida.²

O museu foi inaugurado em 1942 com o intuito de preservar e divulgar a obra de Antônio Parreiras, sendo considerado uma das primeiras instituições a salvaguardar a casa de um artista no Brasil. O acervo mantém três coleções distintas, a Coleção de Arte Brasileira dos séculos XIX e XX e a Coleção de Arte Estrangeira, além de documentos diversos, a biblioteca particular e objetos que pertenceram ao artista³. Os interiores da antiga residência com seu mobiliário, guarnecimento e objetos decorativos não foram preservados, em contrapartida as dependências foram adaptadas para a exposição de obras.

Antônio Parreiras desenvolveu sua obra a partir do final do século XIX, produzindo obras em diversos gêneros de pintura, sendo a paisagem o segmento ao qual se dedicou por toda a vida. Ingressou na Academia Imperial de Belas Artes em 1883, mas abandona os estudos para seguir Georg Grimm, professor de pintura de paisagem que ministrava aulas ao ar livre, prática que se distanciava dos cânones da Academia. Depois de formalizar sua saída da Aiba, Grimm segue com seus discípulos para as praias de Niterói e depois para a região serrana do Rio de Janeiro, dando continuidade ao exercício da pintura ao ar livre, longe das convenções da

¹ Museu localizado na Rua Tiradentes, 47, Ingá, na cidade de Niterói, Rio de Janeiro.

² MUSEU Antônio Parreiras, em Niterói (RJ), é entregue restaurado. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 21 jan. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/museu-antonio-parreiras-em-niteroi-rj-e-entregue-restaurado>. Acesso em: 22 jan. 2025.

³ OLIVEIRA, Oswaldo A. **Museu Antônio Parreiras**: uma casa para um pintor, uma experiência do olhar. Programa de Pós-Graduação do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p.31.

Academia e do ensino pelas cópias em ateliê⁴. Grimm conseguiu formar um grupo de paisagistas⁵ onde a sensibilidade direta aos valores da paisagem alcançou um lugar de experimentação. Assim, Parreiras moldou sua prática artística em convivência com a natureza e com os ideais da pintura ao ar livre.⁶ Imbuído de um espírito romântico tardio e por outro lado acenando à modernidade, no decorrer de seu percurso tomou partido das pesquisas dos impressionistas ao analisar os efeitos da luz em diversos momentos do dia. Para isso, durante anos embrenhou-se nas matas para observar a cor local: as tonalidades de verde, as cores das árvores, buscando integrar na pintura observação e sensação.

A exemplo de outros artistas oitocentistas que persistiram no desenvolvimento de uma pintura de tradição narrativa,⁷ Parreiras é o artista de *Iracema* (1909) e *Fim de Romance* (1912), obras pertencentes ao acervo do Museu de Arte de São Paulo e Pinacoteca do Estado, onde a composição condensa uma atmosfera romântica, ao mesmo tempo em que a paisagem de fundo configura-se como elemento ativo e pleno de reverberações.

Ao longo das três primeiras décadas do século XX, o artista recebeu uma série de encomendas e projetos de pinturas relacionadas a episódios da história brasileira como *A Conquista do Amazonas* (1907, Museu Histórico do Estado do Pará); *Fundação de São Paulo* (1913); *Jornada dos Mártires* (1928, Museu Mariano Procópio), entre outras, muitas das quais em grandes formatos. Mesmo na pintura histórica Parreiras não abandona a paisagem, esta constrói a espacialidade do cenário e constitui um prolongamento do estado de espírito que a narrativa evoca. Na fase final de sua obra Parreiras retorna com vigor à pintura de paisagem, embrenhando-se nas florestas e pintando a partir do natural, revivendo seus anos de formação no estreito convívio junto à natureza.

A exposição *Antônio Parreiras memórias e histórias*, recebeu a curadoria de Dora Silveira que propõe uma leitura autobiográfica. Entendemos que após um intervalo superior a dez anos tenha sido mesmo necessário rerepresentar a figura de Antônio Parreiras para o público visitante, reafirmar a sua presença e a relevância de sua obra na casa onde viveu. No piso térreo estão expostas uma parte da coleção que pertenceu a Parreiras, com obras de artistas que fizeram parte de seu círculo social. Na entrada da sala principal, um retrato do artista que porta de forma emblemática sua paleta e pincéis, realizado pelo amigo franco-argentino Numa Ayrinhac, no período em que frequentavam os Salões de Belas Artes no *Grand Palais* em Paris.

⁴ NASCIMENTO, Ana Paula. Antônio Parreiras, viajante sempre em busca de novos horizontes. In: **Antônio Parreiras: pinturas e desenhos**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2012-2013, p. 19.

⁵ Giovanni Battista Castagneto (1852-1900); Hipólito Boaventura Caron (1862-1892); Domingos Garcia y Vasquez (1859-1912); França Júnior (1838-1890) e Antônio Parreiras (1860-1937).

⁶ PORTELLA, Isabel M. C. de Sanson. Florestas: Paisagem e Arte na obra de Antônio Parreiras. **Concinnitas**, v. 1, n. 4, 2003. p. 158. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/42761>. Acesso em: 30 jun. 2025.

⁷ PEREIRA, Sônia G. **Arte Brasileira no Século XIX**. Belo Horizonte: C/Arte, 2008, p. 85.

Na sala anexa os desenhos em exposição fazem parte do livro de autoria do artista: “História de um pintor contada por ele mesmo” [Figura 3]. Para a publicação datada de 1926, Parreiras realizou uma série de desenhos que ilustram as narrativas ali desenvolvidas, onde se autorretrata como um personagem que se construiu pintor: seu cotidiano de caminhadas ao ar livre, memórias do tempo dedicado ao trabalho, e ainda um desenho onde sua imagem se mescla às árvores que representa: “Foi naquele ambiente fantástico, extraordinário, belo, calmo, selvagem, alpestre, que me fiz pintor”.⁸

Ao lado dos desenhos as demais obras expostas procuram destacar a trajetória do artista desde sua passagem pelo Grupo Grimm, com a obra *Rochedo da Boa Viagem*, de Georg Grimm; a obra *Teresópolis* de 1892, onde se nota a pesquisa da cor local nos verdes que se distribuem na tela que anuncia a construção do *Verde Parreiras*⁹ e nas pinceladas em tons castanhos com pontos luminosos que constroem o primeiro plano. Também na exposição a grande tela *A Tarde* (1887), uma das obras adquiridas pela Academia de Belas Artes que proporcionaram parte dos recursos para a viagem de estudos do artista à Europa e ainda a marinha *Tempo sombrio Arraial do Cabo* (1936), que anuncia a mudança do tempo à beira mar, uma de suas derradeiras obras.

Na sequência a exposição destaca a última fase do artista quando de seu retorno à pintura de paisagem nas três obras intituladas *Terra Natal*, o ponto alto da exposição. Representadas como coisas vivas e humanas as árvores do tríptico *Terra Natal* atraem a percepção de quem as observa: parece mesmo que a pintura retém as sensações e o olhar apaixonado do artista, que elegeu um recanto da natureza e a ele devotou sua atenção, com pinceladas que se sobrepõem e criam uma matéria pictórica de cores e tonalidades nos três momentos do dia – o amanhecer, o meio-dia e o entardecer [Figura 4]. Tais obras em grande formato que exibem uma expressividade romântica, onde a gestualidade da pincelada constrói tanto uma pesquisa da cor quanto da luz local, por meio de uma absorção do impressionismo, reafirmam a relevância da obra de Parreiras para a pintura de paisagem e para a história da arte no Brasil.

Aguardemos a continuidade das atividades do Museu Antônio Parreiras e que futuras exposições possam nos brindar com outras obras do artista niteroiense, permitindo novas perspectivas de leitura e uma revisão da complexidade de sua obra.

*

A exposição *Antônio Parreiras: memórias e histórias*, realizada no Museu Antônio Parreiras, em Niterói, ocorreu entre 17 de janeiro e 13 de abril de 2025. A resenha da autora foi submetida à RHAC durante o período de exibição.

⁸ PARREIRAS, Antônio. *História de um pintor contada por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Typ. Dias Vasconcellos, 1926.

⁹ PORTELLA, *op. cit.*, p. 159.



Figura 1:
Nicho da fachada lateral, 2025. Museu Antônio Parreiras. Foto da autora.



Figura 2:
Museu Antônio Parreiras: vista do jardim, 2025.
Foto da autora.



Figura 3:
Exposição Antônio Parreiras: memórias e histórias. Museu Antônio Parreiras, 2025.
Foto da autora.



Figura 4:
Terra Natal: meio-dia, 1923; Terra Natal: manhã, 1923;
Terra Natal: entardecer, 1923. óleo s/tela.
Coleção Museu Antônio Parreiras. Foto da autora.